

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR NOS EUA: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Fábio Betioli Contel *

Manolita Correia Lima **

RESUMO

Uma das principais características do atual processo de internacionalização da educação superior é o aumento da mobilidade de acadêmicos, em especial de alunos em época de realização de seus estudos de graduação. Fundados em pesquisa bibliográfica e documental sobre o tema, o artigo propõe uma análise das principais características da atratividade geográfica exercida pelo território norte americano em relação aos fluxos que compõem o atual processo de internacionalização da educação superior. A pesquisa mostrou que esta polarização que o país exerce nos fluxos mundiais de estudantes e *scholars* contribui tanto para o desenvolvimento científico-tecnológico do país, como para o despejo anual de uma quantidade enorme de dólares na economia norte-americana. Além dos recursos gerados pelo pagamento dos serviços educacionais prestados, os “alunos-clientes” precisam ainda consumir moradia, alimentos, lazer, transportes, materiais de pesquisa etc.

Palavras-chave: Internacionalização da Educação Superior. Atratividade Geográfica. Gastos Estudantis.

* Universidade de São Paulo

Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Avenida Prof. Lineu Prestes, 338 – Cidade Universitária – São Paulo
fbcontel@usp.br

** Escola Superior de Propaganda e Marketing

Núcleo de Estudos em Gestão Internacional
Rua Dr. Álvaro Alvim, 123 – Vila Mariana – São Paulo
mclima@espm.br

1 INTRODUÇÃOⁱ

O desenvolvimento das instituições de ensino superior nos Estados Unidos permitiu uma profissionalização do ensino e da pesquisa em moldes não conhecidos em outros cantos do mundo. Desde o modelo de créditos uniforme, passando pela departamentalização do ensino, até o arranjo menos “autocrático” da vida acadêmica, toda a organização das IES’s contribuiu para a consolidação de um sistema de universidades que permite uma mobilidade grande dos atores envolvidos (alunos, professores e pesquisadores), assim como uma fértil relação entre o conhecimento produzido “intra-muros” e o aproveitamento deste conhecimento no tecido produtivo das empresas privadas do país. A proliferação de laboratórios de pesquisa dentro e fora das universidades permitiu uma diminuição também inaudita entre a invenção (a descoberta “científica”, não-pragmática) e a inovação (a invenção utilizada em larga escala nos processos produtivos).

Em função do enorme dinamismo do sistema de ensino superior norte-americano, sua estrutura atrai estudantes e pesquisadores do mundo inteiro, desde ao menos o final da Segunda Guerra Mundial como notam, entre outros, Thales de Azevedo (1967) e Alejandro Portes (1976). O que gostaríamos de chamar a atenção, no que diz respeito à atratividade internacional de estudantes, é que há muito tempo são drenados para o território dos EUA alunos do mundo como um todo. Quantos estudantes estrangeiros para lá se dirigiram, desde o findar da Segunda Guerra Mundial? De onde vêm estes estudantes? Qual o impacto econômico destes fluxos/estoques de alunos forâneos nas principais regiões do território norte-americano?

Estas são algumas das perguntas que procuraremos responder com o presente texto.

Gênese e evolução recente da atratividade geográfica dos EUA na internacionalização da educação superior

Alguns dados chamam a atenção, principalmente no que diz respeito aos estoques atuais de estudantes estrangeiros no mundo. Sua localização é bastante concentrada, e os ritmos de crescimento de certas áreas polarizadoras destes fluxos parecem indicar que o processo de concentração não parece diminuir.

ⁱ Esta pesquisa contou com o financiamento do Centro de Altos Estudos de Propaganda e Marketing (CAEPM) da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)

Em primeiro lugar, soberanamente, se encontram os Estados Unidos, como principal território hospedeiro dos estudantes internacionais no mundo. Seu estoque de 582.984 alunos é maior do que a própria soma dos dois outros países mais importantes na recepção destes fluxos (o Reino Unido com seus 255.233, e a Alemanha que possui 240.619 dos totais). Se tomarmos os totais de estudantes estrangeiros no mundo como parâmetro (são 2.651.144 segundo a OECD), os EUA polarizam nada menos que 21,6% dos totais de alunos de terceiro grau emigrados no mundo.

A Tabela a seguir traz os dados relativos à evolução desta atratividade do sistema de ensino superior norte-americano, em termos do número de estudantes universitários matriculados.

Tabela 1: Estados Unidos: Evolução dos Estudantes Estrangeiros (1954-2007)

Ano	no. de estudantes estrangeiros	Varição anual	no. de matrículas (total)	% de alunos estrangeiros matriculados
1954/55	34.232	-	2.499.800	1,4
1959/60	48.486	2,6	3.402.300	1,4
1964/65	82.045	9,7	5.320.000	1,5
1969/70	134.959	11,2	7.978.400	1,7
1974/75	154.580	2,3	10.321.500	1,5
1979/80	286.343	8,5	11.707.000	2,4
1984/85	342.113	0,9	12.467.700	2,7
1985/86	343.777	0,5	12.387.700	2,8
1986/87	349.609	1,7	12.410.500	2,8
1987/88	356.187	1,9	12.808.487	2,8
1988/89	366.354	2,9	13.322.576	2,7
1989/90	386.851	5,6	13.824.592	2,8
1990/91	407.529	5,3	13.975.408	2,9
1991/92	419.585	3,0	14.360.965	2,9
1992/93	438.618	4,5	14.422.975	3,0
1993/94	449.749	2,5	14.473.106	3,1
1994/95	452.635	0,6	14.554.016	3,1
1995/96	453.787	0,3	14.419.252	3,1
1996/97	457.984	0,9	14.286.478	3,1
1997/98	481.280	5,1	13.294.221	3,6
1998/99	490.933	2,0	13.391.401	3,6
1999/00	514.723	4,8	13.584.998	3,8
2000/01	547.867	6,4	14.046.659	3,9
2001/02	582.996	6,4	13.511.149	4,3
2002/03	586.323	0,6	12.853.627	4,6
2003/04	572.509	-2,4	13.383.553	4,3

2004/05	565.039	-1,3	13.994.869	4,0
2005/06	564.766	-0,05	14.528.728	3,9
2006/07	582.984	3,2	15.023.346	3,9

Fonte: International Institute for Education. Open Doors 2008.

O primeiro dado a chamar a atenção da Tabela 1 diz respeito à evolução do estoque de alunos estrangeiros em território norte-americano. No período mais largo indicado pela tabela (1955-2007), de um total de 34.232 estudantes forâneos, os EUA passam a abrigar nada menos que 582.984; um crescimento de cerca de 1.600%.

É possível identificar ainda sub-períodos de maior intensidade deste crescimento. Entre os anos de 1955 e 1965, o número de estudantes estrangeiros passa dos já mencionados 34.232 para 82.045, aumento de cerca de 140%. Para a década posterior (1965-1975), este crescimento gira em torno de 88% (o estoque de alunos passa de 82.045 para 154.580). Segundo Gilbert Merx (2003), esta primeira fase próxima ao pós-guerra indicada pela tabela configura uma “primeira onda” de internacionalização do sistema de ensino superior estadunidense, tendo como fatores propulsores o aumento das políticas de ajuda internacional (“*foreign aid*”) dos EUA, assim como a constituição dos primeiros programas de internacionalização de suas IES’s. Data desta primeira onda um envio de estudantes dos EUA para o exterior, tanto para o estudo de línguas estrangeiras, como para os estudos vinculados às necessidades estratégicas dos EUA (“*foreign area studies*”). A segunda “onda de internacionalização” indentificada por Merx (2003) diz respeito à ampliação dos circuitos que passam a fazer parte da mobilidade estudantil: vão estudar no país membros da burocracia de IES’s de outros países, com maior envolvimento do próprio Governo Federal dos EUA. Esta segunda onda se deu a partir da década de 1980.

Ainda com relação aos estudantes estrangeiros matriculados nos EUA, teríamos a seguinte evolução recente de seus números:

Tabela 2: Estados Unidos: Ritmo do Crescimento Recente de Alunos Estrangeiros (1975-2005)

	1975-1985	1985-1995	1995-2005
Varição do no. de alunos	187.533	110.522	112.404
Crescimento no período (%)	121,3	32,3	24,8

Fonte: International Institute for Education. Open Doors 2006.

Apesar das quantidades se manterem robustas (os EUA recebem em média 13.682 estudantes estrangeiros/ano, no período descrito na Tabela 1), o ritmo de crescimento decaiu sensivelmente nas duas últimas décadas analisadas. Se tomarmos apenas o período 2000-2004, o crescimento é de 11,2%. Neste mesmo sub-período (segundo dados da OECD), a Alemanha vê o número de estudantes estrangeiros em seu território crescer a taxa de 39,1%; na França, este índice é de 73,3%; a Austrália conhece um incremento de 58%, enquanto a Nova Zelândia cresce impressionantes 739% (OECD, 2006).

Um dos principais responsáveis pela diminuição da polarização do território norte-americano em relação aos fluxos internacionais de estudantes tem relação direta com os atentados de 11 de setembro, na cidade de Nova York. A partir desta data, tanto a procura de estudantes estrangeiros diminuiu, quanto o controle exercido pelas autoridades de segurança nacional do país passa a exigir uma quantidade maior de requisitos, para aceitarem novos estudantes estrangeiros nos EUA. Aumento nos prazos para a concessão dos vistos, negação de vistos, entrevistas de admissão, formulários acadêmicos novos, são alguns dos fatores que têm contribuído para esta diminuição do ritmo de chegada de alunos forâneos, como mostra Czinkota (2005). Como assevera também Soko Starobin (2006, p. 65),

With the recent tuition hikes in the United States, international students find attractive educational opportunities in other countries, such as Australia, Britain and Canada, to maximize their financial resources. [...] In addition to financial reasons, many international educators agree that the changes in immigration policy and regulations in the United States after the terrorists' attack on September 11, 2001, have affected the enrollment of international students.

Dado este quadro acerca das quantidades de alunos estrangeiros atraídos pelas instituições de ensino superior norte-americano, poderíamos nos perguntar: qual a proveniência destes contingentes? Quais os países que mais enviam seus estudantes para realizar sua educação de terceiro grau nos EUA? A Tabela 3 nos dá uma idéia bastante aproximada das origens destes estudantes:

Tabela 3: Estados Unidos: Evolução das 16 Principais Origens dos Alunos Estrangeiros (2000-2007)

	1999/2000		2006/07		2000-2007 Crescimento (%)
	no. de estudantes	%	no. de estudantes	%	
1º. Índia	42.337	8,2	83.833	14,5	98,0
2º. China	54.466	10,6	67.723	11,6	24,3
3º. Coréia do Sul	41.191	8,0	62.392	10,8	51,4

4°. Japão	46.872	9,1	35.282	6,0	- 24,7
5°. Taiwan	29.234	5,7	29.094	5,0	- 0,5
6°. Canadá	23.544	4,6	28.280	4,8	20,1
7°. México	10.607	2,0	13.826	2,4	30,3
8°. Turquia	10.100	2,0	11.506	2,0	14,0
9°. Tailândia	10.983	2,1	8.886	1,5	- 19,1
10°. Alemanha	9.800	1,9	8.656	1,5	- 11,6
11°. Reino Unido	7.990	1,5	8.438	1,4	5,6
12°. Arábia Saudita	-	-	7.886	1,3	-
13°. Nepal	-	-	7.754	1,3	-
14°. Hong Kong	7.545	1,4	7.722	1,3	2,3
15°. Indonésia	11.300	2,2	7.338	1,2	- 35,0
16°. Brasil	8.600	1,7	7.126	1,2	- 17,1
Outros países	200.154	39,0	187.242	32,1	- 6,4
TOTAIS	514.723	100	582.984	100	13,2

Fonte: International Institute of Education. Open Doors. 2001; 2008. Elaborado pelos autores

Chama a atenção, em primeiro lugar, a proporção dos estudantes provenientes do continente asiático que realizam seus estudos de terceiro grau em território norte-americano. Desta lista com os 16 principais países que fornecem estudantes aos EUA (que respondem atualmente por quase 70% dos totais), nada menos que os cinco primeiros colocados neste “ranking” provêm da Ásia, totalizando 278.324 estudantes (praticamente metade dos estrangeiros no país – 47,9%).

Se pensarmos no ritmo do crescimento destes fluxos, no período compreendido na Tabela 3, vemos que alguns países superam em muito a média da nação (13,2%), enquanto outros observaram franca diminuição no envio de alunos para os EUA. No primeiro caso, temos indiscutivelmente a Índia, que praticamente dobrou o número de alunos emigrados entre 2000 e 2007; em seguida aparecem Coréia do Sul (com um aumento de 51,4%) e México (aumento de 30,3%). Dos países que viram diminuir sensivelmente seu número de alunos nos EUA, temos principalmente a Indonésia (-35%), o Japão (-24,7%), Tailândia (-19,1%) e o Brasil, com uma diminuição de 17,1% do contingente.

Uma das explicações para este acréscimo do número de estudantes asiáticos nos EUA – principalmente chineses e indianos – é a procura destes estudantes pelos cursos de “administração e negócios”, assim como na área da engenharia, como nota estudo da OECD: “estes campos são especialmente dependentes da presença de estudantes estrangeiros”, lembra o estudo (OECD, op. cit., p. 52).

Esta atratividade tem várias razões, além da própria tradição e excelência de boa parte

do sistema de ensino superior dos EUA. Além da possibilidade do desenvolvimento de uma formação acadêmica sofisticada, todo intercâmbio catalisa a aquisição por parte dos emigrados de uma vivência cultural local, além de facilitar aprendizado da língua inglesa, falada hoje por cerca de 508 milhões de pessoas (VUILLETET, 2005, p. 32), e que se constitui no principal idioma do comércio e das finanças internacionais (BOLLAG, 2000)ⁱⁱ. Os Estados Unidos, em relação à sua atratividade de alunos de terceiro grau, se constitui num “ímã para estudantes estrangeiros”, como mostra a própria OECD (2004).

Esta tendência ocorre não só para migrações no período da graduação: também em relação aos estudantes de pós-graduação e pesquisadores, o território norte-americano exerce forte polarização dos fluxos internacionais deste tipo. Dados do *International Institute of Education* (2008) mostram que do total de estudantes estrangeiros nos EUA, 46,3% estão matriculados em cursos de pós-graduação, e 40,5% em cursos de graduação. E o ritmo de crescimento dos alunos de pós-graduação é também mais pronunciado: os alunos deste tipo cresceram 18,5% no período de 2004-2007, enquanto os alunos de graduação forâneos cresceram em apenas 6,3% para o mesmo período.

A partir da análise dos dados do *International Institute of Education* (2008) foi possível ainda estabelecer um quadro mais aproximado da atratividade do território norte-americano para os fluxos de pesquisadores (*scholars*), isto é, uma mão-de-obra já diplomada e com grande potencial para o desenvolvimento dos circuitos de produção de conhecimento (público ou privado) nos EUA. Este tipo de “mobilidade acadêmica” está estreitamente ligada à uma “geografia da ciência”, isto é, as redes de inovação científica e tecnológica, que envolvem tanto as instituições como as trajetórias pessoais dos pesquisadores (JÖNS, 2007, p. 100 e ss.).

Tabela 4: Estados Unidos: Evolução Recente dos Pesquisadores Estrangeiros (“international scholars”) no País (2001-2007)

	Número de pesquisadores		% de pesquisadores estrangeiros (2006/07)	Crescimento (%) entre 2001-2007
	2000/01	2006/07		
1º China	14.772	20.149	20,5	36,3
2º Coréia do Sul	5.830	9.291	9,5	59,3

ⁱⁱ Segundo ainda o documento preparado por M. Vuilletet para o governo francês, as principais línguas faladas no mundo – no ano de 2001 – seriam: 1º) o mandarim chinês, com 975 milhões de falantes; 2º) o inglês, com 508 milhões; 3º) o Hindu, com 497 milhões; 4º) o Espanhol, com 392 milhões; 5º) o Russo, com 277 milhões; 6º) o Árabe, com 246 milhões; 7º) outros dialetos chineses que utilizam o alfabeto mandarim, com 223 milhões; 8º) o Bengali, com 211 milhões; e em 9º) lugar o Português, com 191 milhões de falantes. (VUILLETET, 2005, p. 32).

3º Índia	5.456	9.138	9,3	67,5
4º Japão	5.905	5.557	5,7	- 5,9
5º Alemanha	5.221	5.039	5,1	- 3,5
6º Canadá	3.735	4.398	4,5	17,7
7º França	3.154	3.588	3,7	13,7
8º Itália	2.226	3.148	3,2	41,4
9º Reino Unido	3.352	2.877	2,9	- 14,1
10º Espanha	1.706	2.193	2,2	28,5
11º Rússia	3.253	2.102	2,1	- 35,4
12º Brasil	1.315	1.862	1,9	41,6
13º Taiwan	1.196	1.813	1,8	51,8
14º Israel	1.205	1.591	1,6	32,0
15º Turquia	918	1.362	1,4	48,3
16º México	898	1.218	1,2	35,6
17º Austrália	1.212	1.175	1,2	- 3,0
18º Holanda	1.037	959	1,0	- 7,5
19º Polônia	862	877	0,9	1,7
20º Argentina	638	834	0,8	30,7
Outros países	15.760	19.068	19,4	21,0
TOTAIS	79.651	98.239	100	23,3

Fonte: International Institute of Education. Open Doors. 2001; 2008.

Os números mostram, em primeiro lugar, uma semelhança no que diz respeito às primeiras posições do ranqueamento: os quatro primeiros países são asiáticos, e representam nada menos que 45% dos totais de *scholars* estrangeiros nos EUA atualmente (44.135 pesquisadores). A principal diferença em relação aos estudantes de graduação é que ao invés da Índia, temos a China como principal país que envia pesquisadores (20,5%, ou 20.149 *scholars*).

Vela destacar ainda que algumas nações do mundo aumentaram os fluxos de pesquisadores que enviam aos EUA, outras seguiram a média do país para o período recente (de 23,3% entre 2001-2007), e outras viram diminuir a magnitude destes fluxos. O caso mais impressionante é também o da Índia, que aumentou em 67,5% os pesquisadores que tem instalados nos EUA; em segundo lugar vem a Coreia do Sul (com um aumento de 59,3%), seguida por Taiwan (51,8%) e Turquia (48,3% de aumento). No que diz respeito aos países que diminuíram o número de pesquisadores que se encontram em território estadunidense, temos a seguinte ordem: em primeiro lugar a Rússia, que diminuiu em 35,4% estes contingentes; a Rússia é seguida pelo Reino Unido (-14,1%), Holanda (-7,5%), Japão (-5,9%) e Alemanha (-3,5%).

Por fim, vale destacar que o Brasil ocupa uma posição relativamente importante no ranking dos países que enviam pesquisadores aos EUA, com 1.862 *scholars* ali presentes, para o ano de 2006/07. Ao contrário do que ocorre com o declinante número de estudantes no nível do bacharelado, os fluxos de pesquisadores em direção aos EUA têm aumentado no período recente (41,6%), num nível quase duas vezes maior que a média de aumento dos Estados Unidos como um todo (23,3%, como frisado).

Não é de hoje que os Estados Unidos vêm sendo identificado como “o maior país ganhador de cérebros” nas estatísticas e estudos sobre a mobilidade internacional de cientistas (GRUBEL; SCOTT, 1966, p. 371). O fato de possuir em seu território – como vimos – Universidades dinâmicas, além de uma grande quantidade de empresas, com suas respectivas instituições de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), fazem de algumas regiões dos Estados Unidos verdadeiros “meios inovadores” (HALL, 1998, p. 291 e ss.), polarizadores deste tipo de migração qualificada. O dinamismo proporcionado por estes “meios inovadores” é tal, que acaba por influenciar também na atração de fluxos de estudantes, pesquisadores e profissionais qualificados, em escala mundial.

Talvez o exemplo mais bem acabado desta relação entre “migração de cérebros” e o desenvolvimento científico e tecnológico nos EUA seja o da região do Vale do Silício, no estado da Califórnia. Fruto da própria alteração do centro de gravidade da economia dos EUA (que até a década de 1950 estava eminentemente fundada no complexo siderúrgico-automobilístico do Nordeste do país), o desenvolvimento do Vale do Silício teve início na década de 1980, com um conjunto de pequenas empresas “intensivas em conhecimento”, empresas voltadas para a produção de semicondutores e demais produtos ligados à montagem de computadores pessoais (HALL, 1998, p. 448).

O fato é que grande parte da mão-de-obra que contribuiu – e contribui atualmente – para o dinamismo ímpar da região é formada por estudantes, pesquisadores e profissionais qualificados que vêm de outras regiões do mundo, principalmente da Ásia (como mostrou a Tabela 4). Annalee Saxenian (2006) uma das principais estudiosas do assunto, assevera que:

The growth of regions like Silicon Valley fueled the exodus of talented young adults from poor developing countries to the United States. During the years following World War II, American universities attracted the most promising science and engineering graduate students from around the world. By the early 1990's, 40 percent of the science and engineering doctorates in U.S. universities were awarded to foreign-born students. Students from East and South Asia (65 percent of the total)

dominated, with the majority coming mainly from China (22,448), Taiwan (10,926), India (9,981), and South Korea (9,805). (SAXENIAN, 2006, p. 50)ⁱⁱⁱ

Esta verdadeira drenagem de cérebros, portanto, se tornou uma necessidade para o sistema produtivo norte-americano. Em trabalho apresentado no último Congresso da *Association of American Geographers*, Kate Geddie (2008) mostra que esta necessidade de atração de “talentos” por parte dos países desenvolvidos (principalmente naqueles setores de atividade “intensivos em conhecimento”), acabou por fomentar também políticas públicas para facilitar o “brain-drain”. A atração de estudantes de pós-graduação (*graduate students*), e sua retenção nas universidades ou nas empresas inovadoras tem se tornado cada vez mais uma preocupação dos governos dos países ricos.

Além de ter relação direta com o desenvolvimento do sistema econômico e universitário norte-americano, esta migração de estudantes (seja de graduação ou de pós-graduação) tem também conseqüências expressivas para o desenvolvimento urbano e regional das cidades que abrigam estes estrangeiros. Podemos dizer que há impactos econômicos importantes causados por esta atratividade do território dos EUA, impactos que muitas vezes não têm a consideração devida por parte da bibliografia sobre o tema da internacionalização do ensino superior. O que pode ser dito sobre os impactos regionais destes fluxos migratórios, em relação aos seus gastos? Quais as principais regiões em território norte-americano mais beneficiadas com esta migração? Quais as quantias em dólares envolvidas, no período recente?

Apesar dos Estados Unidos abrigarem nada menos que 126 IES's com mais de 1.000 alunos estrangeiros em seus quadros (IIE, 2008), algumas Universidades se destacam nesta atratividade. Para melhor respondermos estas questões, faz-se necessário em primeiro lugar ter uma idéia mais aproximada dos principais centros (cidades/Universidades) em que se localiza esta população de estudantes estrangeiros, como mostra a tabela abaixo.

Tabela 5: Estados Unidos: 25 Principais Universidades/Cidades que Acolhem Alunos Estrangeiros (2006/07)

ⁱⁱⁱ No caso do Vale do Silício, esta relação entre o dinamismo das firmas e o “meio inovador” proporcionado pela presença de universidades é também notada por Bania, Eberts e Fogarty (1993, p. 762), para quem “Geographical proximity may facilitate the capturing of spillovers and shorten the time between invention and innovation. Local firms benefit from a region’s technical infra-structure in various ways: by hiring graduates from local universities, by using faculty as consultants, by becoming sponsors of joint university-industry research centers, by using local universities for education and training of their workforce, and by utilizing university facilities such as laboratories, libraries, specialized equipment, and by attending seminars”.

	Cidade	No. de estudantes estrangeiros	Total de estudantes	% de estudantes estrangeiros
1ª University of Southern California	Los Angeles	7.115	33.389	21,5
2ª Columbia University	New York	5.937	24.417	24,7
3ª New York University	New York	5.827	50.917	11,64
4ª University of Illinois at Urbana-Champaign	Champaign	5.685	41.342	13,8
5ª Purdue University, Main Campus	West Lafayette	5.581	39.228	14,3
6ª University of Michigan - Ann Arbor	Ann Arbor	5.429	40.025	13,5
7ª University of Texas at Austin	Austin	5.303	49.738	10,8
8ª University of California - Los Angeles	Los Angeles	4.704	38.218	12,3
9ª Harvard University	Cambridge	4.514	20.042	22,5
10ª Boston University	Boston	4.484	31.574	14,4
11ª University of Pennsylvania	Philadelphia	4.484	23.704	19,4
12ª The Ohio State University, Main Campus	Columbus	4.345	51.818	8,5
13ª SUNY - University at Buffalo	Buffalo	4.103	26.668	15,7
14ª Arizona State University - Tempe Campus	Tempe	4.062	51.234	7,9
15ª Indiana University at Bloomington	Bloomington	3.976	38.247	10,4
16ª Michigan State University	East Lansing	3.968	45.520	8,8
17ª University of Florida	Gainesville	3.921	50.953	7,8
18ª Texas A&M University	College Station	3.857	40.654	9,6
19ª University of Wisconsin – Madison	Madison	3.829	41.466	9,3
20ª Stanford University	Stanford	3.751	15.703	25,0
21ª Cornell University	Ithaca	3.746	19.639	19,6
22ª University of Minnesota - Twin Cities	Minneapolis	3.701	50.402	7,4
23ª Penn State University - University Park	University Park	3.681	42.914	8,7
24ª University of Maryland College Park	College Park	3.476	35.102	9,9
25ª Wayne State University	Detroit	3.362	33.137	10,1

Fonte: International Institute for Education. Open Doors 2008.

Não é de se estranhar que a primeira instituição em termos de números brutos de alunos estrangeiros recebidos se situa na Califórnia, berço do já comentado Vale do Silício. A *University of Southern California*, além de ter em seus quadros 7.115 estudantes estrangeiros,

é também uma das mais internacionalizadas em termos da porcentagem no número total das matrículas: com seus 21,5% de alunos forâneos, é superada apenas pela *Stanford University* (25% de alunos estrangeiros) – também localizada na Califórnia – e pela *Harvard University* (com 22,5% de seus alunos de outros países).

Estas cifras relativas à porcentagem de alunos estrangeiros nas Universidades norte-americanas são comparáveis, por exemplo, aos valores das mais internacionalizadas instituições australianas (país mais agressivo, em termos de atratividade de alunos estrangeiros). Na Austrália, a *Monash University*, com seus 12.123 alunos estrangeiros matriculados, tem 23% dos seus quadros discentes compostos por estudantes de outros países; a *Central Queensland University* – a mais internacionalizada instituição do país – possui 32% de seu contingente de alunos externos (6.810), como mostra Kevin O'Connor (2007, p. 8). Vale lembrar que a média de alunos estrangeiros do sistema universitário dos Estados Unidos como um todo é de 3,9% (como vimos na Tabela 1), o que nos dá uma dimensão mais precisa do significado destas cifras.

Quais as conseqüências efetivas desta distribuição dos alunos estrangeiros no território norte-americano, em termos de seus gastos? Que quantias estão envolvidas nas despesas dos estudantes instalados nestes lugares? A Tabela 6 nos dá uma idéia fidedigna dos gastos em taxas de matrícula (“*tuition fees*”) e dos demais gastos de todos os estrangeiros que estudavam nos EUA, no período de 2006/07:

Tabela 6: Estados Unidos: Impacto econômico dos gastos de estudantes estrangeiros nos EUA – em US\$ milhões (2006/2007) ^{iv}

Estado	Despesas acadêmicas (taxas e matrícula)	Despesas cotidianas	TOTAIS	Número de estudantes estrangeiros
Califórnia	1.270,9	1.684,2	2.955,1	77.987
Nova York	1.247,6	1.447,3	2.694,9	65.884
Massachusetts	739,6	669,6	1.409,2	28.680
Texas	590,5	780,7	1.371,2	49.081
Illinois	522,7	492,2	1.041,9	25.594
Pennsylvania	540,3	452,1	992,9	23.182
Flórida	441,4	490,4	931,8	26.875
Michigan	362,8	333,1	695,9	21.143

^{iv} Na tabela não estão computados o auxílio financeiro dado pelo governo norte-americano para parte destas despesas dos alunos estrangeiros; estes auxílios cobrem em média 30% dos gastos totais, descritos na Tabela (IEE, 2008).

Ohio	337,4	334,9	672,3	18.607
Nova Jersey	233,9	289,5	523,4	13.111
Maryland	245,8	277,2	523,0	13.562
Indiana	272,2	250,4	522,6	14.450
Geórgia	201,0	212,3	413,3	12.183
Distrito de Columbia	199,0	214,3	413,3	7.905
Virginia	207,9	188,6	396,5	11.991
Carolina do Norte	182,7	169,7	352,4	10.064
Washington	152,2	186,5	338,7	11.663
Connecticut	168,8	163,9	332,7	7.403
Missouri	157,4	161,4	318,8	9.805
Minnesota	134,3	136,1	270,4	9.048
Arizona	127,4	159,0	286,4	9.993
Iowa	128,4	118,2	246,6	7.799
Wisconsin	137,3	107,6	244,9	7.383
Oklahoma	94,2	122,6	216,8	8.364
Outros Estados	1.233,0	1.408,2	2.641,2	91.227
EUA (Total)	9.928,6	10.850,2	20.778,8	582.984

Fonte: International Institute of Education. Open Doors. 2008.

Como mostra a Tabela 6, mais de US\$ 20 bilhões são gastos anualmente por estudantes estrangeiros no país, sendo que apenas em dois estados (Califórnia e Nova York), nada menos que US\$ 5,6 bilhões são despejados nestas regiões. Somente os valores destes dois Estados correspondem – por exemplo – a todo o orçamento do Ministério da Educação no Brasil, para o ano de 2007 (R\$ 9.130,8 milhões, ou cerca de US\$ 5,7 bilhões em valores atuais) (BRASIL, 2008).

Se tomarmos a média dos gastos de cada aluno estrangeiro nos EUA, vemos que cada aluno despende cerca de US\$ 17.000/ano com taxas acadêmicas e cerca de US\$ 18.640/ano com despesas cotidianas, totalizando em torno de US\$ 35.640/ano no país (com suas respectivas variações regionais).

Tanto os estudos disponíveis do *International Institute for Education* (IIE, 2008), quanto os estudos da *Association of International Education* (NAFSA, 2007), de onde o IIE tira parte significativa de seus dados, não nos fornecem uma indicação mais detalhada sobre o que significam as “despesas cotidianas” (“*living expenditures*”) anunciadas na Tabela 6. Pode-se afirmar apenas que a maior parte delas (cerca de 50%, segundo a NAFSA) destina-se à “habitação e alimentação” (“*room and board expenses*”) (NAFSA, 2007).

Outro dado interessante trazido pelo *International Institute for Education* (2008), que nos ajuda a entender as “despesas cotidianas” elencadas, é que parte delas provém dos gastos

familiares dos estudantes. Segundo o *Institute*, 10,7% dos estudantes são casados, e 85% deles têm suas esposas nos EUA. Da soma total indicada na Tabela 6, cerca de US\$ 279.000.000,00 podem ser considerados como gastos relacionados às esposas dos estudantes. Porcentagem significativa destes estudantes tem também filhos (existe cerca de 0,6 filho/por estudante), o que na prática mostra que há cerca de 37.435 filhos de estudantes estrangeiros vivendo nos EUA atualmente, e que fazem com que tenham sido despejados na economia do país cerca de US\$ 133.000.000,00 no período letivo de 2006/07.

Este é um quadro que nos mostra como as Instituições de Ensino Superior servem como instrumentos de desenvolvimento nacional e regional para os países em que estão instaladas; não só por suas repercussões no sistema produtivo (fornecimento de mão-de-obra especializada, treinamento de pessoal, infra-estrutura de pesquisa etc.), mas também pelos gastos que os estudantes – e suas famílias – são obrigados a realizar nos locais em que vivem, sejam gastos com as próprias IES's, sejam gastos com as necessidades de habitação (aluguéis), alimentação, lazer, vestuário etc. Para retomar o conceito de Albert Hirschman (1959), os alunos estrangeiros acabam por gerar “efeitos multiplicadores” nas regiões em que vivem também por estes motivos ligados às suas vidas cotidianas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das características do desenvolvimento histórico dos Estados Unidos foi a originalidade em que se deu a organização de suas instituições nacionais, principalmente após sua independência, no final do século XVIII. Ao mesmo tempo em que sempre soube aproveitar o que havia de mais “moderno” na Europa à sua disposição, cunhou a partir das necessidades de seus entes federativos todas as bases para a construção de uma nação verdadeiramente coesa e dinâmica: aparatos legais, infra-estruturas de transporte e comunicação, indústrias inovadoras, e um sistema de ensino superior equilibrado, eficiente, e bastante afeito às inovações. Vimos que este desenvolvimento tornou o território norte-americano o mais poderoso centro de gravidade para os fluxos mundiais de acadêmicos, sejam fluxos de alunos ou de pesquisadores.

O caso dos EUA mostra que, ainda que os organismos multilaterais vinculados aos países do centro do sistema capitalista (OECD, Banco Mundial e a própria ONU) divulguem que vivemos num período de “circulação de cérebros” (“*brain-circulation*”), algumas partes

do globo drenam a maior parte destes talentos, criando uma via de mão-única na circulação de mão-de-obra qualificada; continuam bastante desiguais, portanto, as possibilidades de desenvolvimento econômico integral destas nações – no melhor estilo da “causação circular cumulativa”, de Gunnar Myrdal (1957). A estrutura montada tende a aumentar a concentração dos fatores produtivos dinâmicos, e não o contrário.

O texto procurou mostrar ainda que, além deste maior dinamismo interno proporcionado pelo sistema de ensino superior dos EUA, esta polarização que o mesmo exerce nos fluxos mundiais de estudantes e pesquisadores contribui para o despejo anual de uma quantidade enorme de dólares na economia do país. Além dos recursos gerados pelo pagamento dos serviços educacionais prestados, os “clientes” precisam ainda consumir moradia, alimentos, lazer, transportes, materiais de pesquisa etc. Tudo isso contribui ainda mais para a dinâmica dos locais onde estão instaladas as universidades e centros de pesquisa mais dinâmicos do país, aumentando ainda mais a riqueza nacional, gerada nestes “meios inovadores”.

THE INTERNATIONALIZATION OF HIGHER EDUCATION IN THE U.S.: KEY FEATURES

ABSTRACT

One of the main features of the current process of internationalization of higher education is the increased mobility of academics, especially students in time of completion of his undergraduate studies. Based on literature and documentary research method on the subject, the article proposes an analysis of the key features of the geographical attraction exerted by the U.S. territory in relation to the flows of the current process of internationalization of higher education. The research concludes that this polarization that the country performs in global flows of students and scholars both contributes to the scientific-technological development of the country, and for the annual spend of massive amounts of dollars in the U.S. economy. In addition to the resources generated to pay for educational services rendered, the "client-students" still need to consume housing, food, entertainment, transportation, materials research etc.

Keywords: internationalization of higher education. geographical attractiveness. student spending.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Thales de. **A Evasão de Talentos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

BANIA, Neil; EBERTS, Randall; FOGARTY, Michael. Universities and the startup of new companies: can we generalize from route 128 and Silicon Valley? In: _____. **The Review of Economics and Statistics**, v. 75, n. 4, p. 761-766, 1993.

BOLLAG, Burton. The new latin: english dominates in academy. In: _____. **Chronicle of Higher Education**, v. 47, n. 2, p. 1-5, 2000.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Programação Orçamentária 2007**. Brasília. 2008. Disponível em:
<http://www.planejamento.gov.br/orcamento/conteudo/orcamento_2007/orcamento_2007.hth>. Acesso em: 28 jul. 2008.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e capital monopolista**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

CZINKOTA, Michael. Loosening the shackles: the future of global higher education. In: WTO SYMPOSIUM ON CROSS-BORDER SUPPLY OF SERVICES, 2005, Genebra. **Anais...** Genebra: 2005. 24 p.

CHARLE, Christopher; VERGER, Jacques. **História das universidades**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

COWEN, Robert. Grã-Bretanha – políticas-multiplicadoras da universidade: nota sobre tecnologias sociais. In: _____. MORHY, Lauro. **Universidade no mundo**. Universidade em questão, v. 2. Brasília: Editora UnB, 2004, p. 271-292.

SANTOS, Theotônio dos. **Revolução científico-técnica e capitalismo contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 1983.

GEDDIE, Kate. Strategic shapping the higher education landscape: competing for international graduate students. In: MEETING OF THE AMERICAN ASSOCIATION OF GEOGRAPHER, 2008, Boston. **Annual Meeting...** Boston: Association of American Geographers, 2008.

GEIGER, Roger. Research, graduate education, and the ecology of American universities: an interpretative history. In: _____. ROTHBLAT, Sheldon; WITTROCK, Björn (eds.). **The European and American university since 1800. Historical and sociological essays**. New York: Cambridge University Press. 1993, p. 234-259.

GRUBEL, H. G.; SCOTT, A. D. The immigration of scientists and engineers to the United States, 1949-61. In: _____. **The journal of political economy**, v. 74, n. 4, 1966, p. 368-378.

HALL, Sir Peter. **Cities in civilization**. New York: Pantheon Books, 1998.

HIRSCHMAN, Albert. **Estratégia do desenvolvimento econômico**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1959.

IIE. INTERNATIONAL INSTITUTE OF EDUCATION. **Open Doors**. 2008. Disponível em: <<http://opendoors.iienetwork.org/>>. Acesso em: 18 jul. 2008.

JÖNS, Heike. In: _____. **Social Geography**, n. 2, p. 97-114, 2007.

LOPES, José Leite. **Ciência e libertação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MADISON, James; HAMILTON, Alexander; JAY, John. **Os artigos federalistas (1787-1788)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

MERKX, Gilbert. The two waves of internationalization in U.S. higher education. In: _____. **International Educator**, v. 12, n. 1, p. 6-12, 2003.

MYRDAL, Gunnar. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Rio de Janeiro: Saga, 1957.

O'CONNOR, Kevin. International students and global cities. In: _____. **GAWC RESEARCH BULLETIN. Loughborough University**, n. 161, 14 p., 2007. Disponível em: <<http://www.lboro.ac.uk/gawc/rb/rb161.html>>. Acesso em: 5 mar. 2008.

OECD. ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. Internationalisation and trade in higher education. In: _____. **Opportunities and challenges**. 135 p. 2004. Disponível em: http://www.oecd.org/document/46/0,3343,en_2649_34223_34994926_1_1_1_1,00.html. Acesso em: [????].

OECD. ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. In: _____. **Education at a Glance**. 465p. 2006. Disponível em: <http://www.oecd.org/document/52/0,3343,en_2649_39263238_37328564_1_1_1_1,00.html>. Acesso em: [????].

PORTES, Alejandro. Determinants of the brain drain. In: _____. **International migration review**, v. 5, n. 4, p. 489-508, 1976.

RAMA, Claudio. **La tercera reforma de la educación superior en América Latina**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

SAXENIAN, Annalee. *The New Argonauts*. **Regional advantage in a global economy**. Cambridge, London: Harvard University Press. 2006.

STAROBIN, Soko S. New directions for students services. In: _____. **International students in transition: changes in access to U.S. higher education**, n. 114, p. 63-71, 2006.

STEGER, Hanns-Albert. **As universidades no desenvolvimento social da América Latina**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. 328 p.

TROW, Martin. Comparative perspectives on British and American higher education. In: _____. ROTHBLAT, Sheldon; WITTRÖCK, Björn. **The European and American university since 1800. Historical and sociological essays**. New York: Cambridge University Press, p. 280-299, 1993.